

Sermão 117

O Verbo de Deus.

Santo Agostinho

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida e a vida era a luz dos seres humanos. A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam.

Houve um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Não era ele a luz, mas veio para dar testemunho da luz. O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todos. Estava no mundo e o mundo foi feito por ele e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.

Mas, a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade humana, mas sim de Deus¹.

Análise

Para adquirir o Verbo de Deus é preciso se doar. Ao se doar, adquire-se, pois o Verbo é a forma suprema que repara e aperfeiçoa todo aquele que se une a ele. É em vão que se contesta sua eternidade e sua igualdade com seu Pai.

¹ João 1: 1-13.

O testemunho das Escrituras não basta? No entanto, se se deseja descobrir na natureza imagens da eternidade e da igualdade do Verbo com Deus, embora estas comparações não sejam provas, é possível encontrá-las.

A luz do fogo não é tão antiga quanto o fogo? Se o fogo fosse eterno, a luz que ele produz não seria igualmente eterna? Um filho não é da mesma natureza que seu pai e tão humano quanto ele?

Mas, invés de procurar tão curiosamente escrutar esses profundos mistérios, purifique o olho do coração, aproveite a condescendência e a encarnação do Verbo. Seja humilde como ele e você se elevará até ele.

01 – A que preço se obtém a compreensão do Verbo de Deus.

A passagem do Evangelho que acaba de ser lida, meus caríssimos irmãos, precisa, para ser compreendida, que o olho do coração seja bem puro.

Acabamos de ver, de fato, Jesus Cristo Nosso Senhor em sua divindade criador de todo o universo e em sua humanidade restaurador da natureza decaída.

O evangelista João nos mostrou este espetáculo. O próprio Evangelho nos mostra a espantosa grandeza deste historiador e a dignidade do servidor nos indica de que valor é o Verbo que ele mostra,

ou melhor, o quanto este Verbo não tem preço, já que ele é mais valioso do que tudo.

O que se compra vale exatamente o preço que se paga ou vale mais ou vale menos. Quando o objeto vale o preço, há igualdade entre o objeto e o preço. Se o objeto vale menos, ele está abaixo do seu preço e acima, se ele vale mais.

Mas, nada pode se igualar ao Verbo de Deus, nem estar acima ou abaixo dele em valor. Tudo, sem dúvida, está abaixo dele, já que *tudo foi feito por ele*. Mas, nada poderia ter um preço mais inferior a ele.

Todavia, se podemos falar assim, se a razão ou o hábito nos permitem expressar desta forma, o preço a se pagar para adquirir o Verbo é o próprio adquirente que, ao se dar a ele, se enriquece.

Se queremos adquirir alguma coisa procuramos o que podemos dar em troca do que desejamos e o que damos em troca está fora de nós. O que está em nossas mãos nós nos desfazemos para receber em troca o que nós adquirimos.

Assim, seja qual for o valor da aquisição, é preciso ceder para obter o que se tem em vista. Não cedemos, portanto, a nós mesmos, mas adquirimos o objeto que pagamos.

Quanto ao Verbo, não é preciso, para obtê-lo, procurar fora de nós. Precisamos doar a nós mesmos e, ao nos doarmos, não nos per-

demos, como perdemos o objeto que damos em troca de uma aquisição.

02 – A própria pessoa é o preço do Verbo.

Desta forma, o Verbo de Deus se oferece a todos. Adquire-o quem pode e se pode com uma vontade piedosa. Nele, de fato, está a paz e esta paz passa sobre a terra às pessoas de boa vontade.

Para consegui-lo, portanto, é preciso se doar; cada um é seu preço. Mas, podemos empregar esta expressão quando, ao se doar para adquirir o Verbo, não se perde e, pelo contrário, ganha-se, ao se abandonar a ele?

E o que é que se dá a ele, ao se doar? Não se dá a ele algo que lhe seja estranho. Devolve-se a ele o que ele mesmo fez, pois, *tudo foi feito por ele*.

Se, de fato, ele fez tudo, ele, sem nenhuma dúvida, fez o ser humano, como todo o resto. Se é a ele que devem a existência o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contém e todas as criaturas, enfim, está claro então que ele é o autor do ser humano; feito à imagem de Deus.

03 – O Verbo de Deus é pura forma não formada, eterna e imutável.

Neste momento, meus irmãos, não procuramos explicar como podem ser entendidas estas palavras: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*. Elas podem ser entendidas no silêncio da meditação; as palavras humanas não podem fornecer sua compreensão.

Trata-se aqui do Verbo de Deus e nós queremos dizer o que impede conhecê-lo. Observe que não tentamos fazê-lo ser compreendido; nós expomos o que impede ter uma ideia perfeitamente justa dele.

É que o Verbo é uma forma, mas uma forma que não é formada e que, pelo contrário, formou tudo o que existe. Formado imutável, sem declínio, sem defeito, sem tempo, sem lugar, superior a tudo, que está em toda parte, que serve ao mesmo tempo de fundamento, para apoiar tudo e de cumeeira, para tudo coroar.

Dizer que tudo está nele não é um erro, pois esse Verbo é chamado de Sabedoria de Deus e está escrito: *Feitas todas com sabedoria, a terra está cheia das coisas que criastes*².

Assim, tudo está nele; no entanto, porque ele é Deus, tudo está abaixo dele.

² Salmo 103: 24.

O que acaba de ser lido é incompreensível e se foi lido, não foi para fazer com que seja compreendido pelo espírito humano, mas para inspirar a lamentação por não compreendê-lo, para fazer com que seja compreendido o que o intelecto impede, para levar a afastar os obstáculos e suspirar, após o conhecimento desse Verbo imutável, mudando esta situação de pior para melhor.

O Verbo, de fato, não se beneficia e nem ganha nada ao ser conhecido. Ele permanece sempre o mesmo. O mesmo se se aproxima dele e o mesmo se se permanece junto a ele; o mesmo se se afasta dele e o mesmo se se retorna a ele. E, ao permanecer sempre o mesmo, ele renova tudo.

É assim que ele é a forma de tudo, mas uma forma incriada, independente, como já dissemos, do tempo e do espaço. De fato, o que está em um espaço qualquer, está necessariamente circunscrito a esse espaço.

Uma forma circunscrita tem limites; limites que a prendem ao seu início e a levam ao seu fim. Além disso, o que está contido em um espaço, o que possui volume e uma extensão qualquer, é menor em uma de suas partes do que em seu todo.

Permita o céu que vocês me compreendam!

04 – Íntegro tanto nas partes como no todo.

Com a visão, corpos que estão sob nossos olhos, que tocamos e no meio dos quais vivemos, podemos constatar diariamente que cada um deles, qualquer que seja sua forma, ocupa um espaço.

Ora, tudo que ocupa um espaço é menor em uma de suas partes do que em seu todo.

Uma parte do corpo humano, como o braço, é seguramente menor do que o corpo todo. Mas, se o braço é menor, ele ocupa um espaço menor.

Assim, a cabeça, outra parte do corpo, ocupa igualmente um espaço menor, porque ela não tem o mesmo volume que o corpo inteiro.

Da mesma forma, todos os objetos contidos em um espaço são menores em uma de suas partes do que em seu todo. Mas, não imaginemos, não representemos nada de parecido com o Verbo de Deus. Não consultemos as impressões da carne para representar as coisas espirituais. O Verbo Divino, esse grande Deus não é menor em uma de suas partes do que em seu todo.

05 – Tocar Deus, sem compreendê-lo já é uma grande felicidade.

Não é possível representar esta propriedade divina e há mais devoção em não compreendê-la do que presumir ter um conhecimento racional dela.

De fato, falamos de Deus. Está dito: *O Verbo era Deus*. Falamos de Deus; é de se espantar que não compreendamos? Se compreendêssemos seríamos Deus.

Admitamos então devotamente nossa ignorância, invés de pretender temerariamente ter um conhecimento racional. Alcançar Deus apenas um pouco que seja é uma grande felicidade; compreendê-lo é coisa absolutamente impossível.

Deus é, ao espírito, o que o corpo é aos olhos; conhecemos Deus como vemos o corpo. Você acha que o olho é capaz de penetrar tudo o que vê? Você se enganaria estranhamente; você não vê nenhum objeto totalmente.

Ver uma pessoa de frente é vê-la também, ao mesmo tempo, por trás? E vê-la por trás é vê-la também, ao mesmo tempo, de frente?

Falando propriamente: você não compreende então o que você vê e se a memória não conservasse em você a lembrança do lado que você viu, você não poderia, ao olhar de um lado, dizer que você compreende o que quer que seja, mesmo de uma maneira superficial.

Para ver uma coisa, você a manipula e a vira de um lado para o outro. Ou então, você vira você mesmo para examiná-la por todos os lados. Você não consegue, só com uma olhada, ver o objeto todo. Ao virá-lo você vê suas diferentes partes e, para se convencer de que o viu inteiro, você precisa se lembrar de que viu todas as partes, uma a uma. Não é, portanto, o olho, mas a memória que principalmente age aqui.

O que se pode então, meus irmãos, dizer sobre o Verbo de Deus? Dos corpos expostos aos nossos olhares, dizemos que a visão não pode penetrá-los inteiramente. Como então o olho do coração poderia compreender Deus? É suficiente para ele, se ele for puro, alcançá-lo e alcançá-lo é, de alguma maneira, tocá-lo de uma maneira toda espiritual, mas sem compreendê-lo e, mesmo assim, a pureza é necessária.

Ora, a felicidade do ser humano consiste em alcançar assim, pelo coração, o que é sempre feliz, o que é a eterna beatitude, o que é a vida, o que é a sabedora perfeita e, para o ser humano, a fonte da sabedoria; o que é a luz eterna e, para o ser humano, o lar de toda a luz.

Observe então como esse tato invisível o transforma, sem alterar o Ser misterioso que você toca. Em outros termos: como Deus não ganha nada em ser conhecido e como você se beneficia ao contemplá-lo.

Dissemos, é verdade, que pagamos por Deus. Mas, não imaginemos, meus caríssimos irmãos, que nós o enriquecemos. O que lhe damos que pode ser acrescentado ao seu ser? Ele não é o mesmo, se você se aproxima dele ou se afasta dele?

Se ele deseja que o contemplemos, não é para fazer a felicidade daqueles que o olham e para atingir com a cegueira àqueles que se afastam dele? A cegueira é a primeira vingança, o começo das penas que ele inflige à alma que se afasta dele.

Não é cair na cegueira, se afastar da luz verdadeira, ou seja, de Deus? Essa dor não é sensível, mas, nem por isso, menos real.

06 – O Verbo é coeterno com o Pai.

Assim, meus caríssimos irmãos, saibamos que, sem falar do seu nascimento temporal, foi com um nascimento todo espiritual, que o coloca ao abrigo de toda alteração e de toda mudança, que o Verbo de Deus nasceu de seu Pai.

Mas, como convencer certos infiéis de que não há nada de mais contrário à verdade, à doutrina católica, do que o que defendem os arianos, infatigáveis inimigos da Igreja de Deus? Pessoas carnis não acreditam mais facilmente no que veem?

Ousaram dizer: o pai é maior e mais antigo do que o Filho; o Filho é inferior ao Pai e menos antigo que ele. Eles raciocinam assim: se o Filho nasceu, evidentemente o Pai existia antes dele.

Fiquem atentos! Que Deus venha em nossa ajuda! Implorem seu socorro com suas preces e com vossa devota aplicação no que ele mesmo nos dará, nos inspirará para vocês. Que ele nos ajude a explicar de alguma maneira o mistério que nos propusemos expor.

Eu suplico, no entanto, meus irmãos, que se eu não conseguir isto, atribuam a falta não à razão, mas ao ser humano.

Rezem, portanto! Eu peço a vocês, eu suplico a vocês! Sensibilizem a misericórdia divina, para que ela coloque em nossos lábios as palavras necessárias para vocês entenderem e nós pronunciarmos.

Se o Verbo é filho de Deus, dizem os arianos, ele nasceu.

Sem dúvida nenhuma, pois, se ele não tivesse nascido, ele não seria Filho. Nada de mais claro. Este raciocínio é admitido pela fé, é aprovado pela Igreja Católica e é justo.

Mas, eles acrescentam: se o Pai tem um Filho, ele existia seguramente antes do nascimento desse Filho.

Aí está o que é reprovado pela fé; o que rejeitam os ouvidos católicos. Isto é uma doutrina condenada. Quem pensa assim está fora; não pertence e nem participa mais da comunhão e da sociedade dos santos.

Por consequência, eles prosseguem, mostre-nos então como o Pai pode ter um Filho tão antigo quanto ele.

07 – É difícil explicar coisas divinas a pessoas carnis.

Como, meus irmãos, explicar coisas totalmente espirituais a pessoas carnis? Não somos nós mesmos pessoas carnis, quando nos propomos fazer compreender essas ideias espirituais a pessoas carnis, a pessoas que só conhecem nascimentos carnis e que veem invariavelmente neste mundo diferentes idades entre o que substitui e o que se vai, entre aqueles que geram e aqueles que são gerados?

Entre nós, de fato, o filho nasce após seu pai, para sucedê-lo após sua morte e, seja entre os humanos, seja entre os animais, sempre vemos os pais mais antigos do que os filhos.

Este espetáculo perpétuo leva os arianos a fazer a mesma ideia no plano espiritual e, quanto mais eles se aplicam às coisas carnis, mais facilmente eles se desgarram. Não é a razão que os guia, quando anunciam essas doutrinas erradas. Eles se deixam levar pelo hábito e é este hábito também que inspira seus mestres à mentira.

O que fazer então? Calar-nos?

Ah, se pudéssemos! A meditação silenciosa parece convir a este mistério inefável, pois, o que é inefável, por sua própria natureza, não pode ser expresso.

Ora, Deus é inefável! Se, de fato, o apóstolo Paulo, arrebatado até o terceiro céu, afirma ter ouvido lá palavras inefáveis, quão mais inefável é Aquele de quem vem essas ideias inexprimíveis por aquele que as recebe!

Assim, meus irmãos, seria preferível nos calarmos, se nos fosse autorizado isto e nos limitássemos a dizer: “É isto o que ensina a fé. É isto o que acreditamos. Se você não pode compreender, é porque você é ainda um dos pequeninos. Tenha paciência até que ganhe asas. Se você quiser voar sem elas, você pode, não voar livremente, mas cair imprudentemente”.

Mas, o que eles replicariam? “Ah, se eles pudessem responder, não faltariam respostas. Isto é uma desculpa para encobrir a impotência. Se há a recusa em responder, é porque se está vencido pela própria verdade”, eles diriam.

De fato, mesmo que o silêncio não provasse que eu não tenho nada a replicar, ele poderia prejudicar nossos irmãos que ainda não têm uma fé muito firme. Ao ouvirem esta objeção, eles poderiam imaginar que não há mesmo nada a responder, embora se possa não ter também nada a responder, mesmo tendo o sentimento da verdade. Não se pode expressar nada sem sentir, mas se pode sentir sem poder expressar.

08 – Semelhanças que podem ser usadas para refutar os arianos.

Se, no entanto, sem infringir a inefabilidade dessa Majestade suprema, empregássemos comparações para refutar esses heréticos, que ninguém veja essas comparações como fazendo conhecer com-

pletamente o que os fracos não poderiam expressar e nem mesmo pensar, pois, mesmo aos espíritos mais avançados, eles só podem compreender em parte, como em um enigma e através de um espelho³.

Façamos então essas comparações para refutar os heréticos e não para explicar o mistério. O que eles fazem, aliás, para nos combater, quando sustentamos a possibilidade de o Verbo nascer do Pai e ser tão antigo quanto ele?

Eles fazem comparações; comparações tiradas das criaturas. Um ser humano, eles dizem, existe antes de ter um filho. Ele é, portanto, mais antigo que seu filho. O mesmo acontece com o cavalo, o carneiro, todos os outros animais. Estas são comparações tiradas das criaturas.

09 – Nossa fé, no entanto, não se baseia em similitudes.

Devemos então nos dedicar a descobrir similitudes para estabelecer as verdades com as quais nos ocupamos? E se eu não conseguisse, eu não poderia dizer que na geração do Criador não há nada de semelhante na criatura?

De fato, na mesma medida em que sua natureza divina ultrapassa as naturezas criadas, sua geração ultrapassa as gerações naturais. Tudo foi feito por Deus; o que há, portanto, comparável a ele?

³ Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte, mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido.*

Tudo também nasce com sua ajuda e não é tão impossível assinalar similitudes que representem sua geração, quanto assinalar aquelas que representem sua natureza, sua imutabilidade, sua divindade e sua majestade? O que há aqui que possa nos dar uma ideia destes atributos?

Se então eu não posso indicar também nenhuma geração semelhante à de Deus, eu estaria derrotado por isto? Eu deveria me desesperar por não encontrar nada nas criaturas que seja comparável ao Criador?

10 – Semelhanças inadequadas ao Filho de Deus.

Não, meus irmãos, não descobrirei no tempo nada que possa se comparar com a eternidade. E você, o que descobriu? Que comparações você descobriu?

Você descobriu que um pai é mais antigo que seu filho e, porque, no tempo, um pai é mais antigo que seu filho, você pretende dizer que na eternidade o Filho também seja mais novo que seu Pai?

Mas, para estabelecer uma comparação verdadeira, mostre-me aqui um pai eterno. É no tempo que você me mostra um filho mais novo que seu pai. O pai e o filho estão submetidos ao tempo, mas, você pode me mostrar um pai que seja eterno, com seu filho mais novo do que ele?

A característica da eternidade é a própria estabilidade e a variedade é a característica do tempo. Na eternidade tudo é imutável e no tempo tudo vem e vai. Se nesta evolução do tempo você vê o filho suceder o pai, é porque o pai, por sua vez, sucedeu seu próprio pai, que não era também eterno.

Como vocês querem, meus irmãos, que reconheçamos na criatura alguma coisa de coeterno, já que somos incapazes de, no tempo, perceber qualquer coisa eterna?

Mostre-me no mundo criado um pai eterno e eu indicarei um filho coeterno a ele. Mas, se você não descobre nada de eterno, se o pai e o filho são diferentes em idade, não basta, para estabelecer uma comparação, que nos limitemos ao que é de mesma idade?

Mas, uma coisa é o que é eterno e outra coisa é o que é de mesma idade. Chamamos de pessoas de mesma idade aquelas que vivem desde o mesmo momento. Uma não nasceu antes da outra e ambas, no entanto, nasceram.

Pois bem! Se conseguirmos encontrar um ser produzido que seja da mesma idade que aquele que o produziu; se for possível apontar dois seres de mesma idade: um que gera e o outro que seja gerado, não poderemos ver aí uma imagem do que é coeterno?

Ao vermos aqui um ser gerado começar a existir ao mesmo tempo que seu pai, não compreenderemos que o Filho de Deus, tanto quanto seu Pai, jamais teve um começo?

Sim, meus irmãos, se reconhecemos que um ser produzido começou a existir ao mesmo tempo que aquele do qual emana, se um começou com o outro, por que o Filho não seria sem começo e tão antigo quanto seu Pai? Haveria lá contemporaneidade e aqui coeternidade.

11 – Nas coisas contemporâneas há uma certa semelhança com o Verbo.

Suas santidades entenderam, sem dúvida, o que eu acabo de dizer: que não se pode comparar o que é temporal com o que é eterno, mas que se pode estabelecer alguma pequena e ligeira semelhança entre o que é contemporâneo e o que é coeterno. Procuremos então seres contemporâneos e peçamos às Escrituras a mesma ideia dessa aproximação.

Nas Escrituras lemos que a Sabedoria *é uma efusão da luz eterna, um espelho sem mancha da atividade de Deus e uma imagem de sua bondade*⁴. Assim, a Sabedoria é chamada de *efusão da luz eterna e imagem* do Pai. Tiremos daí, do que é criado ao mesmo tempo, aproximações que nos deem a compreensão do que é coeterno.

Ó ariano, se constato que um ser produtor não é mais antigo que o ser produzido por ele e que o ser produzido não tem menos

⁴ Sabedoria 7: 26.

idade do que aquele do qual procede, você deverá concordar comigo que, na natureza criadora, duas pessoas podem ser coeternas, já que, de fato, dois seres são absolutamente contemporâneos na natureza criada.

Alguns dos meus irmãos, eu creio, já compreendem todo meu pensamento. Muitos, de fato, já o adivinharam quando relembrei estas palavras: *é uma efusão da luz eterna.*

O fogo produz a luz e a luz irradia do fogo. Acendemos a lamparina diariamente. Se examinarmos então como a luz nasce do fogo, nossas mentes se reportariam a um mistério invisível e inefável e a chama de nossos intelectos também poderia se acender na espessa noite do mundo.

Pensem com atenção em um pessoa que acende sua lamparina. Antes que essa lamparina seja acesa, não vemos nem o fogo e nem o brilho que irradia dele.

Digam-me então: é a luz que vem do fogo ou o fogo que vem da luz? Todos me responderão, pois Deus semeou em todas as mentes as ideias primeiras da inteligência e da sabedoria. Todos então me responderão __ e me responderão sem hesitar __ que é a luz que vem do fogo e não o fogo da luz.

Suponhamos então que o fogo seja o pai dessa luz e não esqueçamos que procuramos aqui fenômenos contemporâneos e não coeternos.

Pois bem! Quando quero acender minha lamparina, não há nem fogo e nem luz e, assim que o acendo, o fogo se mostra ao mesmo tempo que a luz. Mostre-me aqui o fogo sem a luz que acreditarei que no céu o Pai está sem seu Filho.

12 – Outro exemplo de coexistência: a imagem e a realidade que a origina.

Observem bem que expressamos este grande mistério na medida em que nos foi possível. O Senhor voltou seu olhar para as preces de vocês e para as disposições de seus corações e vocês me compreenderam na medida das forças de vocês.

Estas verdades, no entanto, são inefáveis. Não considerem minhas palavras como proporcionais ao tema, pois me faltou comparar o que é contemporâneo com o que é coeterno, o que é temporal com o que sobrevive para sempre, o que se extingue com o que é imortal.

Todavia, já que o Filho é chamado também de imagem de seu Pai, tiremos também daí uma aproximação, embora haja tanta diferença, como já dissemos, entre estes diversos objetos.

Quando uma pessoa está diante de um espelho, vemos sua imagem. Mas, isto não poderia nos ajudar a tornar sensível este mistério que procuramos explicar mesmo que seja um pouco, pois, pode ser objetado que aquele que está diante de um espelho já existia, tinha nascido antes. Sua imagem só é refletida no momento em que ele

se coloca diante do espelho, mas ele existia antes de se aproximar do espelho.

Como então estabelecer uma comparação semelhante àquela que nos ofereceram o fogo e a luz? Interroguemos o que há de mais fraco.

É fácil observar como a água reproduz as imagens dos corpos. Assim, quando uma pessoa passa ou para em cima da água, ela vê sua imagem. Se então uma planta, um arbusto ou uma erva nascesse em cima da água, ela não nasceria com sua imagem?

Sua imagem começaria a existir ao mesmo tempo que ela. Ela não estaria minimamente no mundo antes dela. É impossível que me mostrem que uma planta tenha nascido em cima de um corpo d'água e que só depois __ e não ao mesmo tempo __ sua imagem surgiu. Ela surge no mesmo instante e, no entanto, a imagem vem da planta e não a planta da imagem. A planta nasce então com sua imagem. A existência da imagem e a existência da planta começam então ao mesmo tempo.

Você não admite que a imagem é produzida pela planta e não a planta pela imagem? A imagem vem, assim, da planta; o que gera e o que é gerado começam ao mesmo tempo e, por consequência, são contemporâneos e, por consequência ainda, se a planta tivesse sempre existido, sempre teria existido também a imagem que ela produz, a imagem que ela gera. Donde se segue ainda que o que gera pode

existir sempre e sempre também existir, ao mesmo tempo, o que é gerado.

Todo o esforço e todo o trabalho de nossa mente tendeu a nos fazer uma ideia de uma geração eterna e, aí está a ideia!

Concluamos também que o Filho de Deus é chamado assim porque ele tem um Pai que lhe deu a vida e não para significar que o Pai lhe seja anterior.

O Pai sempre existiu e sempre existiu igualmente o Filho que procede dele. E, como ao proceder dele, o Filho nasce dele, podemos dizer que o Filho nasceu sempre do Pai. O Pai existiu sempre e sempre a imagem que ele produz.

Assim, a imagem da planta é produzida pela planta e, se a planta tivesse sempre existido, sempre igualmente teria existido a imagem que ela forma.

Você não pôde descobrir seres coeternos gerados de pais eternos e você acaba de encontrar seres contemporâneos produzidos por seres temporais.

Assim, tenho a ideia do Filho coeterno do Pai que o gera eternamente. Entre o coeterno e o eterno há a mesma relação que entre o contemporâneo e o temporal.

13 – Da semelhança apresentada resulta a dessemelhança.

Meus irmãos, cabe aqui, para evitar as blasfêmias, uma pequena observação. Constantemente se repete: “São comparações, mas a luz produzida pelo fogo é menos brilhante do que o próprio fogo e a imagem do arbusto não tem, certamente, a mesma realidade que o arbusto”.

Sem dúvida que há aqui uma semelhança, mas não igualdade absoluta e é por isso que eles não parecem ter a mesma natureza.

O que responder então se nos dissessem: “O Filho é então ao Pai o que a luz é ao fogo e a imagem ao arbusto”?

Vejo que o Pai é eterno e o Filho é coeterno ao Pai, mas dirão que ele se parece com a luz, na medida em que ela é menos brilhante do que o fogo e à imagem, na medida em que ela tem menos realidade do que o arbusto? De forma alguma; há aqui igualdade perfeita.

Dizem: “Não creio em nada disso, já que você não mostra nada de semelhante”.

Pois bem! Acredite no Apóstolo, pois ele pôde ver o que eu ensino. Cristo, ele diz, *não julgou ser um furto sua igualdade com Deus*⁵.

⁵ Filipenses 2: 6.

Igualdade implica coincidência em todos os aspectos. Mas, que digo? Ele *não julgou ser um furto sua igualdade*. Por quê? Porque furto é se apropriar de algo que não lhe pertence.

14 – Duas ordens de similaridade: o Filho de Deus coeterno e igual.

Reunamos agora estas diversas relações e estas duas espécies de seres. Talvez encontremos nas criaturas alguma similitude que nos ajude a compreender como o Filho é coeterno ao Pai e, ao mesmo tempo, seu igual.

Mas, nos é impossível ver esta verdade em uma mesma espécie de comparação. Reunamos então comparações retiradas de duas espécies de seres.

Quais? Uma compreende as similitudes invocadas pelos heréticos e a outra compreende as comparações indicadas por nós.

Os heréticos tiraram suas comparações do que nasce no tempo e é, por consequência, mais novo que o ser gerador. Assim, o ser humano nascido de outro ser humano é mais novo do que seu pai e, no entanto, o filho, como o pai, é um ser humano, ou seja, é da mesma natureza, pois um ser humano gera um ser humano, assim como um cavalo produz um cavalo e um animal qualquer produz seu semelhante.

Estes seres comunicam suas semelhanças, mas eles não comunicam sua idade. A idade é diferente, mas a natureza é a mesma.

O que constatamos então neste tipo de nascimento? Sem nenhuma dúvida, a igualdade de natureza.

E o que não encontramos nele? A igualdade de idade.

Não nos esqueçamos então desta igualdade de natureza que encontramos.

Quanto às comparações que nós tiramos da luz produzida pelo fogo e da imagem gerada pelo arbusto, se não encontramos nelas a igualdade de natureza, nelas vemos a igualdade de idade.

O que constatamos então nelas? Igualdade de idade. O que não descobrimos nelas? A igualdade de natureza.

Pois bem! Uma estas duas características, pois, se nas criaturas falta alguma qualidade, no Criador não pode faltar nenhuma, já que dele vem tudo o que possui a criatura.

Não é preciso então atribuir a Deus o que é encontrado nos seres contemporâneos, como é necessário não atribuir a essa Majestade, que é sem defeito, o que faltam nos seres?

Peguem os dois seres geradores de mesma idade que os seres gerados por eles (o fogo e a luz, o objeto e sua imagem). Ao reconhecer neles a igualdade de idade, constatamos a desigualdade de naturezas.

Não atribua a Deus qualquer defeito. Pelo contrário, atribua-lhe as perfeições das criaturas. Para nos mantermos inicialmente nas criaturas de mesma idade, vejamos em sua contemporaneidade a coeternidade do Filho com o Pai.

Quanto às outras criaturas que são igualmente obra de Deus e que devem também louvar seu Criador, o que constatamos nelas? A igualdade de natureza.

As primeiras criaturas nos ensinaram a atribuir a Deus a coeternidade; que estas nos determinem a admitir nele a igualdade de natureza.

Então! Não seria, meus irmãos, o cúmulo da tolice não celebrar no Criador o que eu celebro nas criaturas?

Eu louvo no ser humano a igualdade de natureza e não a admito Naquele que fez o ser humano? O que nasce do ser humano é um ser humano e o que nasce de Deus não seria Deus?

Pouco me importam as obras que não são as obras de Deus, mas vejo que todas as obras do Senhor bendizem seu Criador e, já que, em suas obras, eu vejo a contemporaneidade, concluo disto que há em Deus coeternidade e, já que, nessas mesmas obras, eu constato a igualdade de natureza, eu reconheço em Deus a igualdade de substância.

Eu reúno em Deus o que encontro espalhado em cada uma de suas criaturas e, sem me prender ao que descubro nestas, eu lhe atri-

buo todas as perfeições, mas, como Criador, eu as atribuo a ele de uma maneira tão mais eminente quanto mais visíveis são essas perfeições aqui e nele invisíveis. Aqui elas são temporais e nele elas são eternas. Aqui elas são mutáveis e nele elas são imutáveis. Aqui elas são corruptíveis e nele elas são incorruptíveis.

Por fim, para nos limitarmos aos seres humanos, o pai e o filho são dois seres humanos, enquanto que, em Deus, o Pai e o Filho são um só Deus.

15 – Para ver Deus é necessário purificar o olho do coração.

Dou ao Senhor nosso Deus inefáveis ações de graça por ter me tirado, a pedido de vocês, desse perigoso e difícil embaraço. Mas, não nos esqueçamos jamais de que o Criador elevou até uma altura infinita, acima de tudo, o que nossos sentidos ou nossas meditações podem observar nas criaturas.

Vocês querem então se elevarem interiormente até ele? Purifiquem suas mentes, purifiquem seus corações, purifiquem o olho interior que exclusivamente pode contemplar o que ele é. Purifiquem o olho do coração, pois, está escrito: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*⁶

⁶ Mateus 5: 8.

No entanto, como o coração não estava purificado, era impossível para Deus se mostrar mais misericordioso com relação a nós do que propiciar a encarnação do Verbo, do qual tanto falamos, sem poder, apesar de nossos esforços, dizer nada que seja digno dele.

O Verbo, de fato, fez todas as coisas e, para nos ajudar a alcançar o que não somos, ele se fez o que não somos. Não somos Deus, mas podemos pensar nele com nossas mentes e fixar nele o olhar de nossos corações.

Neste momento, é verdade, os pecados que nos sobrecarregam e cegam, bem como a fraqueza que nos mantém abatidos, nos reduzem ao simples desejo de ver Deus. Mas estamos no tempo da esperança e não na época da realidade.

Desde agora somos filhos de Deus. Isto foi dito por João; aquele que disse: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.* Aquele que repousava no peito do Senhor e tirava de seu coração esses segredos divinos.

Ele disse então: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*⁷.

É isto o que nos está prometido.

⁷ 1 João 3: 2.

16 – Na encarnação o Verbo se fez como leite, para que pudéssemos absorvê-lo.

No entanto, para que consigamos isto e porque não podemos ainda contemplar a divindade do Verbo, escutemos sua humanidade, carnis que somos. Prestemos atenção ao Verbo feito carne, pois, se ele veio para junto de nós, se ele vestiu nossa fraca natureza, foi para nos permitir ouvir suas fortes palavras.

E não foi com razão que suas palavras foram comparadas ao leite? Não damos leite aos pequeninos para que, quando forem grandes, possamos lhes dar o pão da sabedoria?

Aceite então que lhe deem leite, para que um dia você possa comer com avidez.

Observe também como se forma o leite que é dado às crianças. Esse leite não era, inicialmente, na mesa, um alimento comum? Mas a criança não poderia absorver esse alimento colocado sobre a mesa. O que faz então a mãe? Ela o incorpora e o transforma em leite, para que a criança possa se alimentar.

Da mesma forma, o Verbo se fez carne, para que, incapazes de absorver ainda qualquer alimento sólido, vivêssemos de leite, como as criancinhas.

Há, no entanto, esta diferença: quando a mãe forma o leite com o alimento que ela ingere, esse alimento se transforma realmente em leite, mas o Verbo permaneceu inalterado, quando tomou um corpo

para se vestir com ele. Ele então não alterou e nem transformou sua natureza e, sem se transformar em ser humano, ele quis nos falar, se fazendo visível como nós. Absolutamente imutável e inalterável, ele se tornou alguém como nós, sem deixar de ser semelhante ao seu Pai.

17 – A humildade deve ser aprendida com o Verbo encarnado.

O que ele disse, de fato, aos pequeninos, para lhes ensinar a recuperar a visão e a se erguerem, de alguma maneira, até o Verbo que fez tudo?

*Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e aprendam comigo, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu fardo é leve*⁸.

O que faz aqui o Mestre soberano, o Filho de Deus, a Sabedoria de Deus, por quem tudo foi feito? Ele chama para ele todo o gênero humano: *Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e aprendam comigo.*

Talvez você não esperasse ouvir a Sabedoria divina dizer: “*Aprendam comigo* como eu formei os céus e os astros; como tudo sur-

⁸ Mateus 11: 28-30.

giu em minha mente antes de ser formado e, como eu vejo, à luz das ideias imutáveis, até mesmo o número dos fios dos seus cabelos⁹”.

Você esperava então ouvi-la falar assim? Você se enganava, ela dirá inicialmente. *Aprendam comigo, porque eu sou manso e humilde de coração.*

Pensem, meus irmãos, no que você devem aprender primeiro. Seguramente é pouca coisa. Aspiramos ao que é grande e, para conseguirmos isto, unamo-nos ao que é pequeno.

Você gostaria de se ocupar com as grandezas de Deus? Ocupe-se primeiro com sua humildade. Não deixe de se tornar humilde, para seu próprio bem, já que, em seu próprio interesse também e não no dele, Deus condescendeu em se fazer assim.

Alimente-se então com a humildade de Cristo. Aprenda a ser humilde e evite o orgulho. Admita sua doença e permaneça pacientemente junto ao seu Médico.

Quando você for humilde como ele, você se erguerá como ele. Não que ele mesmo se erga considerado como Verbo. É mais você que ele erguerá para conhecê-lo mais e mais.

Inicialmente você só o enxerga tremulamente, mas, hesitando, você o verá em seguida com um olho mais firme e com mais clareza. Ele não cresce; é você que se beneficia e ele parece se erguer com você.

⁹ Cf. Mateus 10: 30. *Até os fios de cabelo de vossa cabeça estão todos contados.*

Sim, meus irmãos, esta é a verdade. Tenham fé nos mandamentos de Deus e cumpram-nos. Deus fortificará então seus intelectos.

Nada de presunção. Não queiram colocar a ciência antes dos preceitos. Isto seria uma maneira de permanecer pequeno sem se fortalecer.

Pensem em uma árvore. Ela procura descer para subir. Ela enterra suas raízes bem fundo, para erguer sua cabeça para o céu. Ela não se apoia na humildade?

Mas você, você quer, sem o amor, compreender os mistérios sublimes e se lançar aos ares sem ter ainda raízes? Isto é perecer e não crescer.

Que Cristo então habite em vocês pela fé. Enraízem-se e estabeleçam-se no amor, para serem *plenificados com toda a plenitude de Deus*¹⁰.



¹⁰ Efésios 3: 17 e 19. *Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados no amor e sejais plenificados com toda a plenitude de Deus.*

Créditos

© 2019 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-Le-Duc:
Abade Raulx Editor, 1866, por Souza Campos, E. L. de. Cotejado
com a versão em italiano.

Conteúdo

Sermão 117	1
Análise.....	1
01 – A que preço se obtém a inteligência do Verbo de Deus.	2
02 – A própria pessoa é o preço do Verbo.	4
03 – O Verbo de Deus é pura forma não formada, eterna e imutável.	5
04 – Íntegro tanto nas partes como no todo.....	7
05 – Tocar Deus, sem compreendê-lo já é uma grande felicidade.....	8
06 – O Verbo é coeterno com o Pai.	10
07 – É difícil explicar coisas divinas a pessoas carnais.	12
08 – Semelhanças que podem ser usadas para refutar os arianos.	13
09 – Nossa fé, no entanto, não se baseia em similitudes.	14
10 – Semelhanças inadequadas ao Filho de Deus.....	15
11 – Nas coisas contemporâneas há uma certa semelhança com o Verbo....	17
12 – Outro exemplo de coexistência: a imagem a realidade que a origina... 19	
13 – Da semelhança apresentada resulta a dessemelhança.....	22
14 – Duas ordens de similaridade: o Filho de Deus coeterno e igual.....	23
15 – Para ver Deus é necessário purificar o olho do coração.	26
16 – Na encarnação o Verbo se fez como leite, para que pudéssemos absorvê-lo.	28
17 – A humildade deve ser aprendida com o Verbo encarnado.....	29
Créditos.....	32
Conteúdo.....	33